

Remix Ensemble

Casa da Música

Nacho de Paz direção musical
Digitópia eletrónica

18 fev 2025 · 19:30 Sala Suggia

INVICTA.MÚSICA.FILMES
CINE-CONCERTO



anos
casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Wolfgang Mitterer

Symphony of Craze para *O Gabinete do Dr. Caligari* (2017)*

Filme de **Robert Wiene** (1920)**

Argumento Carl Mayer, Hans Janowitz

Produção Decla-Film-Ges. Holz & Co., Berlin

Cinematografia Willy Hameister

Elenco Werner Krauß, Conrad Veidt, Friedrich Feher, Lil Dagover,
Hans Heinrich von Twardowski, Rudolph Lettinger

Duração: 77 minutos sem intervalo

*Encomenda Casa da Música e Philharmonie Luxembourg.

**Filme pertencente ao acervo da Friedrich-Wilhelm-Murnau-Stiftung
(www.murnau-stiftung.de) em Wiesbaden.

Um filme simbólico do Expressionismo

O Gabinete do Dr. Caligari, que estreou nos cinemas em 1920, é um filme alemão mudo de Robert Wiene (1873-1938). Conta a história de uma feira de diversões que se instala numa pequena localidade alemã com um ar estranhamente medieval. Um homem idoso chamado Doutor Caligari (Werner Krause) exhibe aí um jovem sonâmbulo, Cesare (Conrad Veidt), com dons de clarividência. Durante uma sessão, vaticina que um jovem ali presente, Alan, estará morto na manhã seguinte. A sua premonição torna-se realidade. Francis (Friedrich Feher), o amigo do jovem, fica perturbado e acha que o estranho médico e a sua criatura têm alguma coisa que ver com o sucedido. Começa a vigiá-los obsessivamente...

Neste filme dividido em seis atos, o realizador — contra a opinião dos argumentistas — inseriu um prólogo em que vemos dois homens a conversar num banco, mas que nada diz sobre o lugar onde se encontram, até à aparição fantasmagórica de uma mulher, Jane (Lil Dagover), que o herói apresenta como sua noiva. O breve epílogo — sem que nada seja revelado aqui sobre o enredo da história — também é aberto, deixando pairar uma dúvida na mente do espectador. É que *Caligari* é um filme sobre a loucura e o que se pode dizer é que não se sabe qual dos dois, Francis ou o Doutor, é o verdadeiro louco.

Um filme de referência

Uma das características estéticas mais marcantes de *Caligari* é a cenografia, entregue a artistas ligados à revista expressionista *Der Sturm*. Hermann Warm, Walter Röhrig e Walter Riemann empenharam-se, através de cenários pintados, em recriar a percepção distorcida da

realidade do narrador. Linhas quebradas, perspectivas cortadas ou deformadas parecem querer arrastar-nos com as personagens para uma espécie de loucura. A sombra, a luz, o contraste e a interpretação por vezes deliberadamente exagerada dos atores (veja-se Werner Krauss na cena em que o nome da sua personagem se acende um pouco por todo o lado) também marcam um filme que se tornou uma referência na década de 1920.

O Gabinete do Dr. Caligari é rapidamente considerado como o nascimento não apenas do cinema expressionista, mas também do género de terror. O filme influenciou gerações de cineastas, desde Tod Browning a Tim Burton (nem que seja pela maquilhagem de Eduardo Mãos de Tesoura, uma espécie de *remix* da de Conrad Veidt, ou pelos cenários de *O Estranho Mundo de Jack*), passando por Hitchcock (a cena do assassínio de Alan fazendo pensar inevitavelmente em *Psycho*) ou Brian de Palma (que, em *O Fantasma do Paraíso*, se lembra com humor da representação vertical de Cesare no seu caixão).

O Gabinete do Dr. Caligari e a música

Apesar de ouvirmos hoje uma partitura recente, com a assinatura de Wolfgang Mitterer (Lienz, Áustria, 1958), *O Gabinete do Dr. Caligari* contou originalmente com música do compositor alemão Giuseppe Becce (aluno de Nikisch e Busoni, que trabalhou no cinema também com Fritz Lang e assumiu, simultaneamente, o papel principal e o de compositor no filme biográfico de Wagner realizado por Carl Fröhlich em 1913!). Porém, nas últimas décadas tornou-se comum — por exemplo, durante operações de restauro de um filme — encomendar a compositores contemporâneos novas partituras. Vários autores, de diversas origens musicais,



foram assim confrontados com o *Doutor Caligari*. Entre eles, alguns compositores especializados neste tipo de obra: Timothy Brock, em 1996, ou Donald Sosin, mais tarde. Mas há também abordagens de Rainer Viertblöck ou do Two Stars Symphony Ensemble, de Houston... Em 2014, na sexagésima quarta edição do Festival de Cinema de Berlim, estreou-se uma nova versão restaurada com música encomendada a John Zorn, enquanto o canal *Arte* (aliás também envolvido no projeto de restauro com a Fundação Murnau e o canal alemão ZDF) transmitia a mesma versão, mas com uma partitura de que se encarregaram vários compositores (entre eles Pablo Beltrán, Martin Bergande, Hong Ting Lai ou Cornelius Schwer).

Symphony of Craze

Como se pode observar, Wolfgang Mitterer enfrenta, com esta partitura, um verdadeiro desafio. Ao ler a breve sinopse que aqui apresentamos, compreende-se a razão do título, cujo significado seria de outra forma pouco claro. A obra é composta para um conjunto de quinze músicos (flauta, oboé, clarinete em si bemol/clarinete baixo em si bemol, fagote, trompa em fá, trompete em dó, trombone, dois percussionistas, dois violinos, viola, violoncelo, contrabaixo, piano e um dispositivo eletrônico), aproximando-se da sinfonia de câmara.

Organista, considerado um dos principais compositores austríacos da música eletroacústica, Mitterer trabalha também com improvisadores provenientes do jazz ou da música erudita contemporânea (Roscoe Mitchell, Louis Sclavis, David Liebman, Sainkho Namtchylak...). Não é, por isso, de admirar que a sua partitura

dê lugar de destaque, por um lado, à improvisação e aos acidentes de percurso e, por outro, à emissão de música pré-gravada. Uma partitura semiaberta que deixa assim uma parte entregue ao desconhecido e na qual, segundo Mitterer, piano, baixo e eletrônica suportam a estrutura.

Breve olhar sobre a partitura

É difícil, numa curta nota de programa, analisar as cerca de 443 páginas que representam a duração dos setenta e seis minutos de música do filme. A tarefa torna-se ainda mais difícil pois a simples leitura da partitura não nos diz muito sobre os sons que serão emitidos, sobre a mais-valia que trarão ao conjunto e, é claro, sobre o que os músicos farão durante os momentos improvisados. No entanto, podemos focar-nos nalguns aspetos.

Do ponto de vista da forma, Mitterer, limitado pela estrutura do filme, respeitou escrupulosamente a divisão em seis atos, a que acresce a música prevista para o genérico. Uma vez que seria demasiado longo detalhar toda a partitura, analisemos os primeiros minutos do filme: estes permitem ao compositor inserir algumas características particulares com base em sons prolongados (geralmente através dos instrumentos de cordas e utilizando com frequência os *glissandi*) e em motivos de linhas quebradas, distribuídas por vários instrumentos numa espécie de *klangfarbenmelodie*, e que parecem repercutir as perspetivas fugidias do cenário do filme.

A partitura começa logo com a apresentação das várias instituições que contribuíram para o seu restauro, quase um minuto antes de o filme original começar (com o aparecimento da águia da DECLA, empresa que produziu originalmente esta longa-metragem). Quando

surge este genérico, há uma primeira alteração musical: às notas muito rápidas ascendentes tocadas pelos instrumentos de sopro e de cordas em desfasamento (ou, se se preferir, numa espécie de cânone muito rigoroso), segue-se uma sequência menos agitada onde se destacam, entre outros, um motivo tocado por um oboé, com apenas uma nota (lá) que parece desempenhar um papel estruturante, e os *glissandi* dos instrumentos de cordas. A música volta às notas rápidas iniciais, mas desta vez descendentes. O primeiro verdadeiro motivo musical, tocado por um trompete, surge enquanto passam os nomes dos principais atores do filme. Durante a apresentação do título, as notas rápidas desvanecem-se para dar lugar, através dos instrumentos de cordas, às linhas quebradas que conduzem ao 1.º ato (motivo realçado por uma reminiscência da linha do oboé).

Todas ou quase todas as técnicas de escrita utilizadas por Mitterer estão resumidas nestes curtos segundos. É útil recordar aqui a importância fundamental de um genérico de filme: é ele que nos faz entrar numa determinada atmosfera, num clima. As linhas melódicas das notas rápidas, usando cromatismos, bem como as linhas quebradas e fragmentadas das diferentes células (distribuídas pelos sopros sobre sons prolongados das cordas) que abrem o 1.º ato, simbolizam talvez a confusão que reina nas mentes perturbadas dos protagonistas desta história de terror.

Nem por isso a partitura está isenta de momentos que podemos considerar mais líricos. Assim, a primeira aparição de Jane como esposa fantasmagórica — ainda estamos no prólogo — é realçada por um motivo mais calmo, mas imediatamente perturbado pelo retomar das notas rápidas iniciais quando se percebe que ela não está no seu estado normal.



Segue-se um novo momento, aparentemente mais calmo, atravessado por fragmentos de motivos interrompidos (que surgem muitas vezes quando Francis está na imagem).

Talvez seja exagerado evocar nesta partitura a presença de um *leitmotiv* no sentido wagneriano do termo. Contudo, o ouvinte identificará facilmente elementos recorrentes, quer quando uma personagem aparece (acabamos de mencionar o caso de Francis), quer quando um lugar (por exemplo, a feira de diversões) aparece de novo como cenário. Por conseguinte, quando a história nos leva até à feira no final do 1.º ato, pode ouvir-se um motivo em sexta incompleta (cinco notas e um silêncio), que ressurgue no início do 2.º ato (quando Caligari toca a campainha que o compositor optou por nos deixar *ouvir*).

Eis uma descrição muito breve de alguns exemplos retirados de uma partitura densa, onde se encontram outros motivos e outras

células recorrentes que poderiam ser analisados de forma mais aprofundada. Note-se que este texto foi escrito sem que o autor destas linhas tivesse a oportunidade de ouvir a partitura sincronizada com as imagens. No entanto, uma leitura em paralelo com o filme permitiu avaliar a qualidade de uma música que, através de uma escrita contemporânea que usa meios musicais enraizados no seu tempo (improvisação livre, sons gravados), não trai em nada a estética do filme de Robert Wiene; pelo contrário, dá a sensação de proporcionar às imagens perturbadas do realizador um universo novo.

PHILIPPE GONIN, 2017

Tradução: Carla Basto

Nota de programa escrita originalmente para a estreia mundial do cine-concerto na Philharmonie Luxembourg, a 14/11/2017, pelo Remix Ensemble Casa da Música.

Nacho de Paz direção musical

O maestro Nacho de Paz é particularmente reconhecido pelo seu compromisso com a música dos séculos XX e XXI. O trabalho que desenvolve com repertório experimental e multimédia é uma referência em Espanha. Formado na escola russa de piano, tem mestradados em piano e composição. Conquistou quatro prémios internacionais de composição e uma bolsa da Fundação Leonardo BBVA. Formou-se em direção de orquestra com Arturo Tamayo e Pierre Boulez. Escolhido para a dirigir o Ensemble Modern, recebeu uma bolsa do Governo alemão e fez um mestrado em música contemporânea na Universidade de Música e Artes Performativas de Frankfurt.

Nacho de Paz dirigiu a maioria das orquestras espanholas e ensembles internacionais especializados em repertório contemporâneo (Ensemble intercontemporain, Klangforum Wien, Münchener Kammerorchester, Phace, Ensemble Recherche, Ensemble Modern, Ensemble MusikFabrik, Vertixe Sonora, Neue Vocalsolisten Stuttgart, Synergy Vocals e Accentus, entre outros). Colabora com a Arte TV, 2eleven music film e Europäische Film-Philharmonie na gravação e interpretação de partituras compostas para filmes mudos do século XX. Dirigiu mais de 400 estreias mundiais, participou em gravações para canais de televisão como ZDF, Arte, HR, ORF-1 e TVE, e lançou 20 CD e DVD.

É frequentemente convidado para dirigir o Phace em Viena. Entre concertos recentes e agendados, destacam-se as colaborações com o Festival de Salzburgo, Orquestra de Câmara de Munique, Teatro Real, Konzerthaus de

Viena, Arte TV, Orquestra e Coro Nacionais de Espanha, Orquestra Sinfónica de Bilbao, Orquestra de Valência, Ensemble intercontemporain, Ensemble Phace, Ensemble Recherche, Vertixe Sonora, Festival Aspekte de Salzburgo, Elbphilharmonie de Hamburgo, Kampnagel de Hamburgo, Barbican Centre em Londres, Festival Resis, Philharmonie do Luxemburgo, Berliner Festspiele, Wien Modern, Alte Oper de Frankfurt, Real Orquestra Sinfónica de Sevilha, Oper Graz e Orquestra Sinfónica de Barcelona e Nacional da Catalunha.

Digitópia eletrónica

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música eletrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. O seu âmbito é bastante alargado, incluindo o desenvolvimento de *software* e *hardware*, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo, e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomárico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann, Olari Elts e Tito Ceccherini, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Acht Brücken (Colónia), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktag. Foi o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe, António Pinho Vargas, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös; e ainda as óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen*

de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e a nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Liza Lim e Federico Gardella, além de compositores portugueses de várias gerações.

No ano em que comemora o seu 25.º aniversário, o Remix continua a apresentar primeiras audições nacionais, incluindo obras de Liza Lim, Sarah Nemtsov, Olga Neuwirth, Jo Kondo, Isabel Mundry e Jorge E. López. Estreia ainda novas obras encomendadas pela Casa da Música a Steve Reich — partilhando o palco com o Synergy Vocals — e Johannes Maria Staud — esta ao lado do tenor Christoph Prégardien e tendo como ponto de partida o ciclo *Die Schöne Müllerin* de Schubert. Termina a temporada com o regresso à última composição de Frank Zappa, *Yellow Shark*.

O Remix Ensemble tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Telmo Barbosa

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

Eletrónica

Filipe Fernandes (Digitópia)

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

André Silva
Ernesto Pinto da Costa

Som

António Cardoso
Carlos Lopes

Vídeo

Ricardo Sacramento

Próximos concertos

20.02 QUI 21:30 CAFÉ CASA DA MÚSICA

Safari Zone

21.02 SEX 10:00 SALA SUGGIA

Ensaio Aberto

serviço educativo

Obras de **Piotr I. Tchaikovski, Richard Strauss e Richard Strauss**

21.02 SEX 21:00 SALA SUGGIA

Um violino para Tchaikovski

grandes concertos de Tchaikovski

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Benjamin Reiners direção musical

Júlia Pusker violino

Obras de **Piotr I. Tchaikovski, Richard Strauss e Richard Strauss**

22.02 SÁB 10:30 E 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Showficina Lúdica

serviço educativo | oficinas do dia

Lúdica Música! formadores

23.02 DOM 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

Tom Afro Tom

serviço educativo | primeiros concertos

Joaquim Alves e Tiago Oliveira conceção artística e interpretação

Belmira Paulo, Rui Vilhena e Tamy Rodrigues interpretação

25.02 TER 21:00 SALA SUGGIA

Lukas Sternath

ciclo piano

Obras de **Sofia Gubaidulina, Johannes Brahms, Patricia Kopatchinskaja e Franz Liszt**

27.02 QUI 21:30 CAFÉ CASA DA MÚSICA

Tomás Meirelles

28.02 SEX 21:30 SALA 2

Future Jazz 2025

serviço educativo | nossos concertos

Alunos de escolas vocacionais de música interpretação

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

